

Implicações

Implicações ou inferências

A primeira propriedade a ser estudada no nosso manual será a noção de implicação. A palavra implicação, na linguagem cotidiana, remete a várias noções, tais como inferências, deduções, acarretamentos, pressuposições, implicaturas etc., sem que haja uma distinção entre elas. É comum escutarmos as seguintes frases, “isso acarreta uma série de problemas” ou “isso implica uma série de problemas” como sendo semelhantes. Aqui tratarei da noção de implicação de uma maneira mais rigorosa, seguindo a tradição dos estudos em uma abordagem referencial. Existe uma graduação no conceito de implicação, indo da noção mais restrita da implicação – conhecida como acarretamento – à noção mais abrangente da implicação – conhecida como implicatura conversacional. O acarretamento é uma noção estritamente semântica que se relaciona somente com o que está contido na sentença, independentemente do uso desta. A noção de pressuposição¹ relaciona-se com o sentido de expressões lexicais contidas na sentença, mas também se refere a um conhecimento prévio, extralinguístico, que o falante e o ouvinte têm em comum; pode-se dizer que a pressuposição é uma noção semântico-pragmática. A implicatura, conhecida como implicatura conversacional, é uma noção estritamente pragmática, que depende exclusivamente do conhecimento extralinguístico que o falante e o ouvinte têm sobre um determinado contexto. Neste capítulo, apresentarei as duas primeiras noções de implicação, o acarretamento e a pressuposição, que geralmente são noções tratadas dentro da abordagem referencial. A implicatura conversacional, que está relacionada ao uso da língua, será vista no capítulo “Atos de fala e implicaturas conversacionais”, em que apresentarei fenômenos que são, geralmente, tratados dentro de uma abordagem pragmática.

Hiponímia, hiperonímia e acarretamento

Para entendermos a noção de acarretamento, que é uma relação entre sentenças, vejamos antes a noção de hiponímia, que é uma relação similar, mas que se dá entre palavras. A hiponímia pode ser definida como uma relação estabelecida entre palavras, quando o sentido de uma está incluído no sentido de outra:

- (1) a. pastor-alemão → cachorro → animal
 b. rosa → flor → vegetal
 c. fusca → carro
 d. maçã → fruta → vegetal

Pelos exemplos, podemos perceber que a hiponímia é uma relação linguística que estrutura o léxico das línguas em classes, ou seja, pastor-alemão pertence à classe dos cachorros, que, por sua vez, pertencem à classe dos animais; rosas são flores, que, por sua vez, são vegetais etc. Vamos estabelecer que cada exemplo anterior forma uma cadeia. O item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades da cadeia, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo. Por exemplo, em (1a), pastor-alemão é o hipônimo da cadeia apresentada, e animal, o hiperônimo. A relação de hiponímia é assimétrica, ou seja, o hipônimo contém o seu hiperônimo, mas o hiperônimo não contém o seu hipônimo. Por exemplo, todo cachorro é um animal, mas nem todo animal é um cachorro. O sentido da palavra animal está contido na palavra cachorro, mas o inverso não é verdadeiro. Se pensarmos em uma decomposição lexical em termos de propriedades semânticas que compõem o sentido da palavra cachorro, teríamos o seguinte:

- (2) $\left[\begin{array}{l} \text{cachorro} \rightarrow +\text{animal}^2 \\ +\text{quadrúpede} \\ +\text{mamífero} \\ \dots \end{array} \right]$

O exemplo em (2) evidencia o fato de que o sentido de animal está contido no sentido de cachorro. Experimente fazer a decomposição lexical em propriedades semânticas para os outros exemplos em (1).

Estendendo a noção de hiponímia para as sentenças, chegamos à noção de acarretamento, que pode ser entendida como a relação existente entre sentenças, quando o sentido de uma sentença está incluído no sentido da outra. Essa relação é mais complexa. Tomemos um exemplo:

- (3) a. Isto é uma cadeira e é de madeira.
 b. Isto é uma cadeira de madeira.

Qualquer falante do português sabe que a informação contida em (3b) está incluída em (3a) e que, portanto, podemos concluir que (3a) acarreta (3b). Veja que, se a sentença (3a) for verdadeira, conseqüentemente a sentença (3b) também será verdadeira; seria contraditório afirmar a primeira sentença e negar a segunda:

- (4) a. Isto é uma cadeira e é de madeira.
 b. Mas isto não é uma cadeira de madeira.

Esse conhecimento é parte do conhecimento sobre o que essas sentenças significam: não precisamos saber nada sobre o objeto mostrado, a não ser o fato de que é o mesmo objeto nas duas afirmações. Agora vejamos as sentenças em (5):

- (5) a. O João é alto e é um jogador de basquete.
 b. O João é um jogador de basquete alto.

Você diria que (5a) acarreta (5b)? Se você respondeu não, acertou, pois o problema agora é outro. Imaginemos que estamos apontando para os jogadores de basquete, que, em realidade, são altos. Estramos certos em afirmar (5a). Mas imaginemos que, entre os jogadores de basquete, você não julgue o João como sendo um dos mais altos; ao contrário, ele é o jogador mais baixo em comparação aos outros. Nesse caso, seria perfeitamente razoável negar (5b):

- (6) a. O João é alto e é um jogador de basquete.
 b. Mas o João não é um jogador de basquete alto; na verdade, ele é o mais baixo do time.³

Portanto, a sentença (5a) não acarreta a sentença (5b), pois, se a sentença (5a) for verdadeira, a sentença (5b) não tem que ser necessariamente verdadeira; ou seja, podemos negar a sentença (5b) que ela não ficará contraditória à sentença (5a); ou mesmo podemos perceber que a informação da sentença (5b) não está contida na informação da sentença (5a). Baseando-nos nesses argumentos, chegamos às seguintes definições para a noção de acarretamento:

- (7) Duas sentenças estabelecem uma relação de acarretamento se:⁴
- a sentença (a) for verdadeira, a sentença (b) também será verdadeira;
 - =
 - a informação da sentença (b) estiver contida na informação da sentença (a);
 - =
 - a sentença (a) e a negação da sentença (b) forem sentenças contraditórias.⁵

Assim como a hiponímia, o acarretamento também é uma relação assimétrica, ou seja, uma sentença contém outra, mas não necessariamente essa segunda contém a primeira. Quando temos uma relação simétrica, ou seja, a sentença (a) acarreta a sentença (b) e a sentença (b) também acarreta a sentença (a), temos a relação de paráfrase, que veremos mais à frente.

O que fazemos ao estabelecer os acarretamentos de uma sentença é tirar-lhe todas as informações que acrescentamos, a partir das nossas experiências, do nosso conhecimento de mundo, e deixar somente o que está explícito nas relações expressas pelos itens lexicais dessa sentença, ou seja, o sentido exclusivamente literal. Em outras palavras, o acarretamento é uma propriedade que nos mostra exatamente o que está sendo veiculado por determinada sentença, nada além. Essa é a dificuldade, pois estamos habituados a entender sentenças com todas as outras informações extralinguísticas que possam também estar associadas a essa sentença, a quem a profere e a quem a escuta. Ao estabelecer os acarretamentos de uma sentença, estamos fazendo uma espécie de triagem do que está além daquele objeto, para poder analisar somente o próprio objeto. Antes de você exercer-se um pouco, analisemos alguns exemplos. Aplicaremos as definições dadas anteriormente para estabelecer se há a relação de acarretamento entre as sentenças a seguir. É importante ressaltar que, se usarmos somente a nossa intuição, muitas vezes não conseguiremos perceber qual é realmente o significado de determinada sentença. Por isso, como um bom procedimento metodológico, vamos sempre aplicar as definições (uma das três) nos exercícios propostos.

Vejam os, pois, se a sentença (8a) acarreta a sentença (8b):

- (8) a. Hoje o sol está brilhando.⁶
b. Hoje está quente.

A sentença (a) não acarreta a sentença (b), porque, se é verdade que hoje o sol está brilhando, não é necessariamente verdade que hoje está quente, ou seja, se (a) é verdade, (b) não é verdade necessariamente. Também podemos perceber que a informação de que hoje está quente não está contida na informação de que hoje o sol está brilhando, ou seja, a informação (b) não está contida na informação da sentença (a). Ou ainda, se negarmos a sentença (b), ela não ficará contraditória à sentença (a): hoje o sol está brilhando, mas hoje não está quente; é perfeitamente possível que essas duas sentenças estejam narrando fatos que ocorram simultaneamente no mundo.

Vejam os um segundo exemplo.

- (9) a. A Jane comeu uma fruta no café da manhã.
b. A Jane comeu uma fruta.

Se é verdade que a Jane comeu uma fruta no café da manhã, é necessariamente verdade que a Jane comeu uma fruta. Portanto, podemos afirmar que a sentença (a) acarreta a sentença (b), porque a informação de (b) está contida em (a); ou porque se (a) é verdade (b) também é verdade; ou ainda, a negação da sentença (b) é contraditória à sentença (a), pois é contraditório afirmar que a Jane comeu uma fruta no café da manhã, mas a Jane não comeu uma fruta.

Como receiro exemplo, temos:

- (10) a. A Jane tomou café esta manhã.
b. A Jane tomou algo quente esta manhã.

A sentença (a) não acarreta a sentença (b), porque se (a) é verdade (b) não é verdade necessariamente: se é verdade que a Jane tomou café esta manhã, não é necessariamente verdade que a Jane tomou algo quente esta manhã, pois o café poderia estar frio, por exemplo. Tente aplicar as outras definições, como exercício.

No exemplo (11), temos:

- (11) a. O João não sabe que a Maria está grávida.
b. A Maria está grávida.

A informação de que a Maria está grávida está contida na informação de que o João não sabe que a Maria está grávida. Portanto, a sentença (a) acarreta a sentença (b), pois a informação de (b) está contida em (a). Novamente, tente as outras definições.

Como último exemplo:

- (12) a. O João pensa que a Maria está grávida.
b. A Maria está grávida.

A sentença (a) não acarreta a sentença (b), pois a negação da sentença (b) não é contraditória à sentença (a): é perfeitamente possível dizer que o João pensa que a Maria está grávida, mas a Maria não está grávida.

De posse das informações dadas, tente você fazer os exercícios propostos.

EXERCÍCIOS

1. Diga se existe a relação de hiponímia ou hiperonímia nos pares a seguir (observando a direção da seta), usando a estratégia de decompor os itens lexicais em propriedades semânticas:

- 1) homem → animado
2) gente → criança

- 3) onça → mamífero
 4) liquidificador → eletrodoméstico
 5) vegetal → árvore
- ii. Estabeleça para as hiponímias acima, os hipônimos e os hiperônimos das cadeias.
- iii. Para cada par de sentenças, diga se a sentença (a) acarreta a sentença (b) e justifique sua resposta usando uma das três definições estudadas.
- 1) a. Os estudantes vão à festa.
b. Todo estudante vai à festa.
 - 2) a. O João fez todos os exercícios.
b. O João fez alguns exercícios.
 - 3) a. O João sabe que os porcos não têm asas.
b. Os porcos não têm asas.
 - 4) a. O João pensa que os porcos não têm asas.
b. Os porcos não têm asas.
 - 5) a. O Oscar e o José são ricos.
b. O José é rico.
 - 6) a. O Oscar e o José são de meia-idade.
b. O Oscar é de meia-idade.
 - 7) a. Todo mundo saberá a resposta certa.
b. Ninguém saberá a resposta certa.
 - 8) a. O João é solteiro.
b. O João nunca se casou.
 - 9) a. Nós acabamos de comprar um carro.
b. Nós acabamos de comprar alguma coisa.
 - 10) a. Seu discurso me confundiu.
b. Seu discurso me confundiu profundamente.
 - 11) a. Todos tiveram uma vida boa por lá.
b. Alguém teve uma vida boa por lá.
 - 12) a. Os rapazes correram para casa.
b. Os rapazes foram para casa.
 - 13) a. É difícil de se caçar elefantes.
b. Elefantes são difíceis de se caçar.
 - 14) a. A Maria e o João são gêmeos.
b. O João e a Maria têm a mesma fisionomia.
 - 15) a. Que a Maria tenha conseguido vencer não abalou o João.
b. A Maria venceu.
 - 16) a. Não foi a Maria que chegou tarde.
b. Alguém chegou tarde.
 - 17) a. O Paulo parou de fumar.
b. O Paulo fumava.

- 18) a. A Maria acha que o José já chegou.
b. O José chegou.
- 19) a. O Paulo e a Maria ainda são felizes.
b. O Paulo é feliz.
- 20) a. Houve um roubo no banco.
b. O banco foi roubado.
- 21) a. Que a Maria tenha fugido não surpreendeu seu namorado.
b. A Maria fugiu.
- 22) a. Não foi o menino que caiu.
b. Alguém caiu.
- 23) a. A Maria acredita que as aves voam.
b. As aves voam.
- 24) a. O presidente do Brasil anda muito gordo.
b. Existe um presidente do Brasil.
- 25) a. O Paulo continua a falar dos outros.
b. O Paulo falava dos outros.

Pressuposição

Para tratar da noção de pressuposição, seguirei a linha mais tradicional da abordagem referencial, focalizando a atenção somente nas chamadas pressuposições lógicas ou semânticas.⁷ Entretanto, proponho que as pressuposições também tenham algumas características pragmáticas e, por isso, vou assumi-las como sendo uma noção semântico-pragmática. Afirmo isso por concordar com Illari e Geraldi (1987: 76), quando afirmam que

[...] em algum sentido as pressuposições não fazem parte do conteúdo assertado [ou seja, característica pragmática]; entretanto, é preciso salientar que no processo pelo qual somos levados a compreender um conteúdo pressuposto, a estrutura linguística nos oferece todos os elementos que nos permitem derivá-lo [ou seja, característica semântica].

Portanto, se pensarmos em um contínuo para as implicações, a pressuposição estará localizada no meio, como uma relação semântico-pragmática, diferentemente dos acarretamentos, em que são inferidas expressões baseando-se exclusivamente no sentido literal de outras, ou seja, uma relação estritamente semântica, diferentemente das implicações conversacionais, que são noções estritamente pragmáticas.

Frege (1892) observou que existe um tipo de conteúdo em certas sentenças que não é aferado, quando essas sentenças são negadas, ou são colocadas em uma forma interrogativa, ou mesmo como uma condicional antecedendo outra sentença. Por exemplo:

- (13) a. O João conseguiu abrir a porta.
 2. O João não conseguiu abrir a porta.
 2". O João conseguiu abrir a porta?
 2". Se o João conseguiu abrir a porta, ele deve estar aliviado.
- (14) O João tentou abrir a porta.

Nas sentenças em (13), o fato de o João tentar abrir a porta permanece inalterado. Podemos, então, afirmar que as orações afirmativa, negativa, interrogativa e condicional com o verbo *conseguir* compartilham um tipo específico de conteúdo. A esse conteúdo compartilhado pelas sentenças em (13), Frege deu o nome de pressuposição. Portanto, podemos dizer que as sentenças em (13) pressupõem a sentença em (14). Vejamos outro exemplo:

- (15) a. O João parou de fazer caminhadas.
 2. O João não parou de fazer caminhadas.
 2". Se o João parou de fazer caminhadas, ele deve ter engordado.
 2". O João parou de fazer caminhadas?
 2". O João tinha o hábito de fazer caminhadas.
- (16) O João tinha o hábito de fazer caminhadas.

Podemos afirmar que existe um conteúdo que é compartilhado por todas as sentenças em (15): o João tinha o hábito de fazer caminhadas. Ou seja, as sentenças em (15) pressupõem a sentença em (16). Para que alguém diga qualquer das sentenças em (15), ele e seu interlocutor têm que compartilhar e assumir como verdade, ou seja, tomar como verdade, uma informação anterior à sentença proferida. Se for verdade que o João parou de fazer caminhadas, ou que o João não parou de fazer caminhadas, ou para que eu faça a pergunta: "O João parou de fazer caminhadas?" ou ainda que eu coloque uma condição antecedente como: "se o João parou de fazer caminhadas...", temos que tomar como uma verdade anterior que o João tinha o hábito de fazer caminhadas. E, se existe uma informação extralinguística envolvida para que tais sentenças sejam proferidas, uma informação anterior ao próprio proferimento das sentenças em (15), podemos concluir que temos aí um tipo de conhecimento pragmático. Entretanto, essa suposição só é derivada a partir da estrutura linguística da própria sentença; são determinadas construções, expressões linguísticas que desencadeiam essa pressuposição. No caso em (13), por exemplo, é somente a partir do verbo *conseguir* que podemos inferir que alguém tentou fazer algo. No caso em (15), é somente a partir da expressão *parou de...* que podemos inferir que João tinha o hábito de fazer... Por isso, escolho tratar a noção de pressuposição como sendo semântico-pragmática.

Vejamos as diferenças existentes entre acarretamento e pressuposição, mesmo sendo essas duas noções consideradas; de uma maneira mais ampla, como implicações

(ou, também, inferências). Primeiramente, podemos observar que acarretamento é uma relação entre duas sentenças, de tal modo que a verdade da segunda decorre da verdade da primeira; é exclusivamente a partir da sentença proferida que podemos inferir alguma verdade, envolvendo assim o conhecimento estritamente semântico. Já a pressuposição é um conhecimento compartilhado por falante/ouvinte, prévio à sentença proferida, ainda que seja desencadeado a partir desta; envolve um tipo de conhecimento semântico, mas também exige um conhecimento pragmático. Outro traço distintivo entre a pressuposição e o acarretamento é que, apesar de as duas noções serem implicações, a primeira envolve não somente uma implicação, mas uma família de implicações. Em termos sintáticos, chamaremos de família de uma determinada sentença as quatro formas dessa sentença: a declaração afirmativa, a negação dessa afirmativa, a interrogação e a condição antecedente. Só ocorrerá a relação de pressuposição se todas as quatro formas de uma determinada sentença (a), ou seja, se a família de (a) tomar uma determinada sentença (b) como verdade. Se uma das sentenças da família de (a) não tomar como verdade a sentença (b), não existirá a relação de pressuposição entre as sentenças (a) e (b).⁸ Em termos semânticos/pragmáticos, a família representa tipos de atitudes expressas em relação à declaração afirmativa. Vejamos, pois, como a noção de pressuposição é definida:

- (17) A sentença (a) pressupõe a sentença (b) se, e somente se, a sentença (a), assim como também os outros membros da família da sentença (a) tomarem a sentença (b) como verdade.

Aplicuemos a definição em (17). Tomando como base o exemplo (18), diga se há relação de pressuposição entre as duas sentenças:

- (18) a. A Maria sabe que o Pedro gosta de dormir na aula.
 b. O Pedro gosta de dormir na aula.

Para estabelecer se existe ou não a relação de pressuposição, primeiramente, temos que explicitar a família da sentença (a), ou seja, a negação (sempre da oração principal), a condicional, a interrogativa e inclusive a própria afirmativa, e verificar se a família de (a) toma a sentença (b) como verdade:

- (19) a. A Maria sabe que o Pedro gosta de dormir na aula.
 2. A Maria não sabe que o Pedro gosta de dormir na aula.
 2". A Maria sabe que o Pedro gosta de dormir na aula?
 2". Se a Maria sabe que o Pedro gosta de dormir na aula...
 b. O Pedro gosta de dormir na aula.

Fazendo a verificação. Quando eu digo: "A Maria sabe que o Pedro gosta de dormir na aula", eu tomo como verdade que o Pedro gosta de dormir na aula? Quando eu digo (a'), (a''), (a'''), eu tomo (b) como verdade? Como a resposta a todas as perguntas é positiva, eu posso afirmar que, no exemplo (19); (a) pressupõe (b), porque a família de (a) toma (b) como verdade. Metodologicamente, acredito ser uma boa estratégia sempre aplicar, nos exercícios, esse procedimento. Vejamos outro exemplo, estabelecendo se há ou não uma relação de pressuposição entre as duas sentenças em (20):

- (20) a. Não foi a Maria que tirou nota boa em Semântica.⁹
b. Alguém tirou nota boa em Semântica.

Explicitando a família de (a), temos:

- (21) a. Não foi a Maria que tirou nota boa em Semântica.
a'. Foi a Maria que tirou nota boa em Semântica.
a''. (Não) foi a Maria que tirou nota boa em Semântica?
a'''. Se (não) foi a Maria que tirou nota boa em Semântica...¹⁰
b. Alguém tirou nota boa em Semântica.

Se eu digo: "Não foi a Maria que tirou nota boa em Semântica", eu estou tomando como verdade que alguém tirou nota boa em Semântica; se eu digo: "Foi a Maria que tirou nota boa em Semântica", eu estou tomando como verdade que alguém tirou nota boa em Semântica; se eu pergunto: "Foi a Maria que tirou nota boa em Semântica?", eu estou tomando como verdade que alguém tirou nota boa em Semântica; finalmente, quando eu digo: "Se foi a Maria que tirou nota boa em Semântica...", eu tomo como verdade que alguém tirou nota boa em Semântica. Portanto, a sentença (21a) pressupõe a sentença (21b) porque a família da sentença (a) toma a sentença (b) como verdade.

Voltando à comparação entre as duas implicações, o acarretamento e a pressuposição, temos que o acarretamento não é uma condição necessária para a pressuposição; mesmo porque, como se define o acarretamento, não é possível que todas as sentenças da família (a) sejam acarretamentos umas das outras (por exemplo, a interrogativa ou a condição não podem ser verdades inferidas, só podem sugerir alguma coisa). Portanto, existir a relação de acarretamento não é uma condição necessária para que exista a pressuposição. Contudo, pode acontecer que o acarretamento esteja presente na mesma sentença em que ocorra uma pressuposição, o que às vezes gera a errônea posição de se associar as duas noções. Vejamos essas ideias mais claramente, com os exemplos a seguir.

Sentenças podem apresentar a relação de pressuposição e, também, de acarretamento. Repitamos (21a') em (22a):

- (22) a. Foi a Maria que tirou nota boa em Semântica.
b. Alguém tirou nota boa em Semântica.

Temos que a sentença (22a) acarreta a sentença (22b) porque, se é verdade que foi a Maria que tirou nota boa em Semântica, é necessariamente verdade que alguém tirou nota boa em Semântica. Já vimos antes que (21a) pressupõe (21b) porque a família de (a) toma (b) como verdade. Portanto, além da relação de pressuposição, temos uma relação de acarretamento entre (a) e (b).

Sentenças podem ter a relação de acarretamento e não ter a relação de pressuposição:

- (23) a. A Maria tirou nota boa em Semântica.
b. Alguém tirou nota boa em Semântica.

A sentença (23a) acarreta a sentença (23b) porque a informação da sentença (b) está contida na informação da sentença (a). Entretanto, a sentença (a) não pressupõe a sentença (b) porque a família de (a) não toma (b) como verdade. Por exemplo, quando eu digo: "A Maria não tirou nota boa em Semântica", eu não tomo como verdade que alguém tirou nota boa em Semântica.

Finalmente, sentenças podem ter a relação de pressuposição e não ter a relação de acarretamento:

- (24) a. Não foi a Maria que tirou nota boa em Semântica.
b. Alguém tirou nota boa em Semântica.

Temos que a sentença (24a) não acarreta a sentença (24b) porque a negação da sentença (b) não é contraditória à sentença (a). Por exemplo, pode existir uma situação¹¹ tal em que um professor entre na sala e diga: "Não foi a Maria que tirou nota boa em Semântica; em realidade, ninguém tirou nota boa em Semântica," todos tiraram nota ruim". É uma situação perfeitamente possível, e não contraditória. Apesar de, em um primeiro momento, alguns estranharem essa argumentação, eu lembro que o acarretamento é estritamente aquilo que está contido na sentença, e a sentença (24a) está apenas expressando que não foi a Maria, mas não está expressando que foi alguém que tirou nota boa em Semântica. Entretanto, a sentença (24a) pressupõe a sentença (24b), como já foi visto. Essa relação de pressuposição é que leva muitos a acreditar que também existe uma relação de acarretamento. Se você ainda não se convenceu, lembre-se do que foi realçado anteriormente sobre a dificuldade de separar o nosso conhecimento do mundo do nosso conhecimento estritamente semântico. Certamente, o falante nunca é ingênuo ao escolher certas expressões e, na verdade, quando

escolhe uma expressão como *Não foi fulano que...* (uma expressão desencadeadora de pressuposição), ou o falante acredita que foi alguém, ou ele quer fazer o ouvinte acreditar que foi alguém. Portanto, podemos pensar em duas possibilidades. Primeira, o falante confia na verdade da sentença (b), conhece previamente (b), senão ele não a estaria enunciando. Segunda possibilidade, a pressuposição é um mecanismo de atuação no discurso: o falante quer direcionar a conversa, fazendo o ouvinte criar certa expectativa em relação a (b). Perceba que o que é tomado como verdade pode ser anulado:

(25) Na verdade, ninguém tirou nota boa em Semântica.

Já os acarretamentos não podem ser anulados, pois a verdade está contida ou não no que foi comunicado. Portanto, a pressuposição lida não somente com questões sobre sentenças individuais e seu valor de verdade (como os acarretamentos), mas também com os usos das sentenças em conexão com o discurso.

Como última observação sobre as pressuposições, existem inúmeras expressões desencadeadoras dessa relação, como o exemplo anterior *Não foi fulano que...* Vejamos alguns tipos. Primeiro, podem-se listar as do tipo sintático. As construções clivadas,¹³ em (26) e (27), têm como pressuposição (28):

(26) a. Foi o seu comportamento que me aborreceu.

². Não foi o seu comportamento que me aborreceu.

²”. Foi o seu comportamento que me aborreceu?

²””. Se foi o seu comportamento que me aborreceu...

(27) a. O que me aborreceu foi o seu comportamento.

². O que me aborreceu não foi o seu comportamento.

²”. O que me aborreceu foi o seu comportamento?

²””. Se o que me aborreceu foi o seu comportamento...

(28) Alguma coisa me aborreceu.

Existem, também, alguns tipos de orações subordinadas, como as temporais e as comparativas, que desencadeiam a pressuposição em (b):

(29) a. Eu já dirigia automóvel, quando você aprendeu a andar de velocípede.

². Eu ainda não dirigia automóvel, quando você aprendeu a andar de velocípede.

²”. Eu já dirigia automóvel, quando você aprendeu a andar de velocípede?

²””. Se eu já dirigia automóvel, quando você aprendeu a andar de velocípede...

 b. Você aprendeu a andar de velocípede.

(30) a. Ele é bem mais guloso do que você.
 ². Ele não é bem mais guloso do que você.
 ²”. Ele é bem mais guloso do que você?
 ²””. Se ele é bem mais guloso do que você...
 b. Você é guloso.

Outros tipos de desencadeadores são os lexicais. Por exemplo, os verbos chamados factivos (*saber, esquecer, adivinhar* etc.) são desencadeadores porque eles pressupõem a verdade do seu complemento sentencial:

(31) a. O João sabe/esqueceu/adivinhou que os cachorros voam.

². O João não sabe/esqueceu/adivinhou que os cachorros voam.

²”. O João sabe/esqueceu/adivinhou que os cachorros voam?

²””. Se o João sabe/esqueceu/adivinhou que os cachorros voam...

 b. Os cachorros voam.

Podemos constatar que a família de (a) toma (b) como verdade.¹⁴ Contrariamente, os verbos não factivos (*imaginar, pensar, achar* etc.) não pressupõem a verdade de seus complementos. Em (32), não podemos dizer que a sentença (b) é tomada como verdade para se proferir a família da sentença (a):

(32) a. O João imagina/pensa/acha que os cachorros voam.

². O João não imagina/pensa/acha que os cachorros voam.

²”. O João imagina/pensa/acha que os cachorros voam?

²””. Se o João imagina/pensa/acha que os cachorros voam...

 b. Os cachorros voam.

Outro exemplo de desencadeadores lexicais de pressuposição são expressões que denotam mudança de estado, como *parar de, iniciar em* etc. Essas expressões pressupõem o estado anterior à mudança ocorrida:

(33) a. O João parou de fumar.

². O João não parou de fumar.

²”. O João parou de fumar?

²””. Se o João parou de fumar...

 b. O João fumava.

Existem, ainda, vários outros tipos de desencadeadores de pressuposição. Entretanto, o importante no nosso estudo não é conhecermos a lista desses

desencadeadores para podermos estabelecer se existe a relação de pressuposição. O relevante é sabermos aplicar a definição para conseguirmos estabelecer ou não a pressuposição entre as sentenças.

De posse, pois, das informações anteriores, estabeleça a relação de pressuposição nos exercícios propostos a seguir.

Exercícios

i. Especifique as relações estabelecidas (acarretamento e/ou pressuposição) entre as sentenças (a) e (b), justificando a sua resposta de acordo com a definição (explícite a família de (a), no seu exercício):

- 1) a. O João não adivinhou que o Paulo estava aqui.
b. O Paulo estava aqui.
- 2) a. O João adorou ter conseguido um emprego.
b. O João conseguiu um emprego.
- 3) a. Sandra, você parou de vender perfumes?
b. A Sandra vendia perfumes.
- 4) a. Não foi o José que roubou a loja.
b. Alguém roubou a loja.
- 5) a. Se o Paulo esqueceu de fazer o dever, ele deve estar em apuros.
b. O Paulo pretendia fazer o dever.
- 6) a. O João certificou-se de que a Maria tinha saído.
b. A Maria tinha saído.
- 7) a. O inventor da penicilina não morreu.
b. Existe alguém que inventou a penicilina.
- 8) a. O menino foi salvo por um lobo.
b. Alguém foi salvo por um animal.
- 9) a. O rei da França é calvo.
b. Existe um rei da França.
- 10) a. Não foi o D. João que declarou a independência.
b. Alguém declarou a independência.
- 11) a. O João é solteiro.
b. O João não é casado.
- 12) a. Não foi a Maria que perdeu o trem.
b. Alguém perdeu o trem.
- 13) a. Que o João tenha fugido não aborreceu a Maria.
b. O João fugiu.
- 14) a. O Paulo e o José ainda são jovens.
b. O José é jovem.

- 15) a. O João acha que a Maria já saiu.
b. A Maria saiu.
 - 16) a. O João lamenta que a Maria o tenha deixado.
b. A Maria deixou João.
 - 17) a. Foi o José que deixou a porta aberta.
b. Alguém deixou a porta aberta.
 - 18) a. O Pedro assumiu que havia trancado o cofre.
b. O Pedro havia trancado o cofre.
 - 19) a. O inventor do saca-rolhas é um desconhecido.
b. Existe alguém que inventou o saca-rolhas.
 - 20) a. A Maria reconheceu seu erro.
b. A Maria cometeu um erro.
 - 21) a. Alguns dos alunos não vão se formar.
b. Nem todo aluno vai se formar.
 - 22) a. O Paulo e o José são poderosos.
b. O Paulo é poderoso.
 - 23) a. A Linda admitiu a culpa.
b. A Linda era culpada.
 - 24) a. Eu já falava inglês, francês e grego quando você aprendeu a falar inglês.
b. Você aprendeu a falar inglês.
 - 25) a. O Pelé, que foi um grande jogador de futebol, fez mais de mil gols.
b. O Pelé foi um grande jogador de futebol.
- ii. Diga, das afirmações após o texto a seguir, se são (ou não) acarretamentos e/ou pressuposições, justificando as suas respostas pelas definições dessas noções:¹⁵
- Ex-chacrete desmente
- A ex-chacrete Josefina Canabrava desmentiu boatos do reatamento de seu casamento com Tim Tones. Tim Tones é filho do atual gerente das empresas Tabajara, Seu Creyson. Ela me garantiu que está muito bem sem o artista, e que até já arrumou um novo amor.
- 1) Josefina Canabrava foi chacrete, no passado.
 - 2) Josefina Canabrava e Tim Tones foram casados por algum tempo.
 - 3) O pai de Tim Tones ainda vive.
 - 4) O pai de Tim Tones é Seu Creyson.
 - 5) Seu Creyson trabalha nas empresas Tabajara como gerente.
 - 6) Correram boatos de que Josefina Canabrava e Tim Tones reataram o casamento.
 - 7) Josefina e Tim Tones não terminaram o casamento.

Indicações bibliográficas

Em português: Chierchia (2003, cap. 4), Pires de Oliveira (2001, cap. 2), Muller e Viotri (2001), Ilari e Geraldi (1987, cap. 4).

Em inglês: Saeed (1997, caps. 3 e 4), Chierchia e McConnell-Ginet (1990, cap. 1), Cruse (1986, caps. 4 e 6), Hurford e Heselby (1983, cap. 3), Kempson (1977, cap. 3) e Lyons (1977, cap. 7 e 9).

Notas

1. Estou me referindo aqui apenas à noção de pressuposição lógica ou semântica; na literatura pragmática encontram-se outras noções de pressuposição das quais não tratarei neste livro.
2. A notação [+...] e [-...] é usada para indicar que aquela propriedade é existente ou não no item lexical. Por exemplo, quando o índice que *cachorro*: [+animal], estou me referindo ao fato de que a palavra *cachorro* contém a propriedade de ser animal; poderia afirmar, também, que *cachorro*: [-humano], pois a propriedade de ser humano não está presente no item lexical *cachorro*.
3. A diferença entre (3) e (5) é gerada pela natureza relacional do adjetivo *alto*. Um objeto é de madeira ou não é. Entretanto, a noção de *alto* é relativa aquilo que o adjetivo está se referindo. Os jogadores de basquete são altos, de uma maneira geral, se os compararmos a outros indivíduos. Mas, quando nos referimos a jogadores de basquete, 1,80m é ser alto em geral, mas não é alto para um jogador de basquete; a média de altura de jogadores de basquete é de 1,90m – logo, um jogador de basquete de 1,80m não é um jogador de basquete alto. O que acontece com o exemplo em (5) é que o adjetivo *alto*, usado em (a), está se referindo aos indivíduos em geral e, em (b), está se referindo aos jogadores de basquete. Por isso, o conteúdo de (5b) não está contido, necessariamente, em (5a).
4. *Veja que podemos usar uma ou outra definição, pois todas têm o mesmo sentido. O que veremos é que, metodologicamente, para estabelecer os acarreamentos, às vezes é mais fácil empregar determinada definição.*
5. Duas sentenças são contraditórias quando elas estiverem descrevendo situações que são impossíveis de ocorrer simultaneamente no mundo.
6. Os exemplos e os exercícios apresentados neste capítulo, sobre acarreamentos e pressuposições, são tirados ou adaptados de Cançado (1999), Ilari e Geraldi (1987) ou traduzidos e adaptados de Chierchia e McConnell-Ginet (1990), Hurford e Heselby (1983) e Saeed (1997).
7. A pressuposição é tratada pela literatura sob diferentes perspectivas. Existem autores que a concebem dentro da abordagem referencial, como está sendo aqui tratada (Chierchia e McConnell-Ginet, 1990; Chierchia, 2003; Lyons 1977; Kempson, 1977; entre outros); outros que as dividem em pressuposições semânticas e pressuposições pragmáticas (Leech, 1981); e outros que as concebem somente como relações pragmáticas (Salsaker, 1974; Lewis, 1979; e Speiser e Wilson, 1995).
8. *É bom ressaltar que os termos tomar como verdade e pressupor, na linguagem cotidiana, são usados no mesmo sentido – Para falar aquião, Maria tomou como verdade/pressupôs que sua amiga conhecia o homem.* Na concepção semântica da pressuposição, essas duas noções são distintas, sendo a primeira uma condição necessária para a segunda. Ou seja, para que haja a pressuposição, é necessário que todas as quatro formas da sentença – afirmativa, negativa, interrogativa e condicional – tomem como verdade um determinado conteúdo. Sigo, aqui, a definição de Chierchia e McConnell-Ginet (1990). Muitos autores assumem que é necessário somente que as formas afirmativa e negativa da sentença (a) tomem (b) como verdade.
9. Por razões óbvias, a relação de pressuposição pode ser estabelecida a partir de qualquer uma das quatro formas da família da sentença (a), e não somente a partir da afirmativa.
10. A interrogativa e a condicional podem ser feitas a partir da afirmativa ou da negativa; as duas formas funcionam da mesma maneira.
11. Estou situando as sentenças, exatamente, para mostrar que, quando existe uma relação de contradição entre duas sentenças, não existe situação possível no mundo em que essas sentenças ocorrem. *Veja que (24a) e a negação de (24b) não são contraditórias, pois existem situações no mundo em que é possível a ocorrência das duas sentenças simultaneamente; portanto, não existe relação de acarreamento entre (24a) e (24b).* Não confunda esse teste com a ideia de que o acarreamento e a contradição são noções associadas ao uso da língua.
12. Fique atento para a negação de (24b): a negação incide sobre o quantificador *algum* e, portanto, temos *Ninguém tirou nota boa*. *Veja que *Alguém não tirou nota boa* não é uma negação da sentença *Alguém tirou nota boa*; o que existe entre as duas sentenças é uma relação de implicatura conversacional.*
13. “Clivagem é um termo usado na descrição gramatical: ‘m referência a uma construção denominada oração clivada: trata-se de uma única oração dividida em duas partes, cada uma com um verbo” (Crystal, 1985: 49).
14. Repare que *tomar alguma coisa como verdade* não significa, necessariamente, que essa coisa seja verdade no mundo.
15. Esse exercício é baseado em Ilari (2001).

Outras propriedades semânticas

Sinonímia e paráfrase

Neste capítulo, continuaremos a estudar algumas propriedades semânticas sob uma perspectiva referencial, isto é, vamos nos valer de noções como referência no mundo e valor de verdade das sentenças para tratar de alguns fenômenos do significado. A primeira propriedade a ser investigada será a sinonímia. A sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos. Uma primeira definição poderia ser: sinonímia é identidade de significados. Mas afirmar apenas isso não basta, pois é uma afirmação muito ampla e que exige um certo refinamento. Vejamos algumas observações. Segundo Ilari e Geraldi (1987), podemos primeiro refletir que, para duas expressões serem sinônimas, não basta que tenham a mesma referência no mundo. *Veja o exemplo:*

- (1) a. os alunos de Educação Física da UFMG
- b. os alunos mais fortes da UFMG

Se eu disser que os alunos de Educação Física da UFMG são os alunos mais fortes da UFMG, eu estou me referindo a um mesmo grupo de pessoas no mundo; entretanto, isso não basta para dizer que as expressões em (1) sejam sinônimas, pois não têm o mesmo sentido, ou seja, não denotam as mesmas propriedades no mundo. Então, um primeiro ponto a ser salientado é que ter somente a mesma referência não é uma condição suficiente para que haja sinonímia. Além de terem a mesma referência, é necessário, também, que as expressões tenham o mesmo sentido. Mas o que significa ter o mesmo sentido? Assume-se que saber o sentido de uma sentença é ser capaz, em determinadas circunstâncias, de dizer se ela é verdadeira ou falsa. Duas sentenças que